

## A FRAGMENTAÇÃO DO INDIVÍDUO PÓS-MODERNO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE MILTON HATOUM: UMA ANÁLISE DO CONTO *BÁRBARA NO INVERNO*.

Rogelly Malta de Santana<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo verificar o processo de fragmentação do indivíduo Pós-Moderno, tendo como objeto de análise o Conto de Milton Hatoum, *Bárbara no inverno*, presente na coletânea de contos *A Cidade Ilhada*. O estudo apresenta reflexões acerca do surgimento da Pós-Modernidade e suas características, focalizando a questão da fragmentação, a estética de autores pós-modernos, notadamente Milton Hatoum, finalizando com uma análise do conto “Bárbara no Inverno”. Objetiva-se mostrar como o processo de “fragmentação” ou “crise de identidade” permeia o Sujeito Pós-Moderno, a partir da protagonista Bárbara, do referido conto de Hatoum. Para dar conta dos objetivos propostos, essa investigação baseou-se em pesquisas bibliográficas e a análise do Conto de Milton Hatoum. Busca-se com esse artigo, contribuir com os estudos acerca da Pós-modernidade e dos processos identitários do indivíduo, além de revisar a produção literária de Milton Hatoum, considerado como uma grande expressão da literatura Pós-Moderna.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. Fragmentação. Bárbara no Inverno. Milton Hatoum.

### INTRODUÇÃO

Devido às recentes problemáticas que vêm afetando à manutenção da identidade pessoal e coletiva, conhecer e compreender o ser humano que cresce nesse novo mundo torna-se um desafio e leva a considerações sobre como está se processando a construção da sua personalidade, suas motivações, seus sentimentos e seus valores.

Portanto, busca-se, através da elaboração deste trabalho científico, questionar e refletir sobre o comportamento humano no contexto atual, verificando os fatores físicos, psicológicos e sociais que estão presentes e entrelaçados no ato de viver e conviver, colaborando para o desenvolvimento e crescimento, determinantes na construção social e pessoal dos sujeitos.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras da FACE - Faculdade de Ciências Educacionais – Valença-BA, 2011.  
E-mail: gelly\_malta@hotmail.com



Viver no momento atual é um processo cercado de dúvidas, incertezas e medos quanto ao presente, quanto ao futuro. Uma ameaça constante envolve o ser humano e cada ação se configura numa luta constante pela sobrevivência diante dos problemas que afetam o país e o mundo. Apesar do crescimento tecnológico e do progresso em todos os campos do conhecimento, vive-se uma preocupante situação de crise mundial que afeta a qualidade de vida em todos os aspectos: da saúde, social, econômico, cultural, psicológico, político, dentre outros.

É analisando esse contexto de sociedade que objetiva-se produzir um artigo tomando como suporte teórico Stuart Hall (2006), Zygmunt Bauman (1998; 2004), Anthony Giddens (1991), Ernâni Lampert (2005), os quais concebem o indivíduo pós-moderno a partir de conceitos de fragmentação, deslocamento e ruptura. Esses elementos podem ser apreciados no modo de agir de Bárbara, protagonista do conto de Hatoum, objeto de análise desta pesquisa.

O Conto de Milton Hatoum, “Bárbara no Inverno”, foi inspirado na canção “Atrás da Porta”, de Chico Buarque e Francis Hime, foi escrito especialmente para saudar Machado de Assis. É totalmente envolvente, e expõe o mundo interior de Bárbara que é o mundo do sujeito Pós-Moderno que é, por excelência, o recanto de sua subjetividade.

Quem adentra a obra de Hatoum, produção literária impactante, percebe com nitidez que ele aborda as inquietações das experiências humanas. O vazio existencial, a “crise de identidade”, o sujeito descentrado, fragmentado que é marca da sociedade Pós-Moderna e que é exemplificado através da protagonista, que se suicida por conta de seu deslocamento, isolamento e tamanha solidão.

Bastante proveitoso estudar um tema recente e interessante, pois retrata a realidade fática vivenciada na contemporaneidade. Por isso, espera-se que este estudo possibilite aos estudantes de Letras e demais interessados em Literatura, maior contato com a produção literária de Milton Hatoum considerado um dos grandes nomes da Literatura Brasileira.

## **PÓS-MODERNIDADE: ANÚNCIOS DE UMA RUPTURA**

A pós-modernidade passa a existir com o rompimento e/ou continuação do Período Moderno. É o nome dado à realidade mundial das últimas décadas, assinalada pelas mudanças que estão ocorrendo nas ciências, nas artes, na comunicação, na

tecnologia, no consumismo, na cultura, na moda e em outros setores. Tal realidade é caracterizada pela aceitação da diferença, da efemeridade, do descontínuo, da complexidade, da fragmentação e dinamicidade.

A impossibilidade de definir esse movimento fez com que os teóricos optassem por apresentá-lo como aquilo que vem depois (pós) do Modernismo. Os debates teóricos acerca do Pós-Modernismo são bastante instigantes e contraditórios, visto que conceituar a pós-modernidade não é algo simples, pois as suas expressões ainda estão sendo recentemente observadas, além de denotar pluralidade de formas e conteúdos. Portanto, é oportuno distinguirmos os sentidos a que os termos Pós-moderno, Pós-modernidade e Pós-Modernismo aludem.

O termo Pós-Modernismo estabelece relação com as artes. Pós-Modernidade tem ligação com o modo de viver e de pensar, já o termo Pós-Moderno combina Pós-Modernismo e Pós-Modernidade. Para conceituar o Pós-Modernismo, Terry Eagleton (apud BONNICI; ZOLIN, 2009), professor da Universidade de Oxford, traz uma definição que será utilizada nesta pesquisa:

A palavra pós-modernismo geralmente refere-se a uma forma de cultura contemporânea, enquanto que o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico. Pós-modernidade é um estilo de pensamento que duvida das noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, da idéia de progresso e emancipação universais, de estruturas únicas, grandes narrativas ou fundamentos definitivos de explicação. [...] Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete alguma coisa dessa mudança de uma época, numa arte pluralista, superficial, descentralizada, infundada, auto reflexiva, divertida, derivativa, eclética, que torna indistintas as fronteiras entre cultura 'alta' e 'popular', bem como entre arte e experiência cotidiana. (EAGLETON, apud BONNICI; ZOLIN, 2009, p. 301).

Esse movimento cultural denota o início para novas possibilidades, como uma nova época histórica posterior à modernidade e conscientes dos limites da modernidade, buscam não descartar o moderno, mas transformá-lo.

Percebe-se, então, que ao mesmo tempo em que se associou a Pós-Modernidade à decadência das grandes ideias, valores e instituições ocidentais como Deus, Ser, Razão, Sentido, Verdade, Totalidade, Ciência, Sujeito, Consciência, Produção, Estado, Revolução e Família, valorizou-se outros temas considerados menores ou marginais em filosofia, como Desejo, Loucura, Sexualidade, morte, Linguagem, Poesia, Sociedades

Primitivas, Jogo, Cotidiano, enfim, elementos que abrem novas perspectivas para a liberação individual.

Apesar do crescimento tecnológico e do progresso em todas as áreas de conhecimento, observa-se uma preocupante situação de crise mundial que aflige a qualidade de vida em todos os âmbitos: social, moral, saúde pública, econômica, cultural, psicológica, político, dentre outros. A poluição torna-se cada vez mais uma ameaça à saúde. A falta de emprego, a fome, a violência e a marginalidade crescem em índices alarmantes, criando assim, uma situação insustentável de medo e insegurança.

Fernandez Pellitero (apud LAMPERT, 2005, p. 105) se refere a essa relação do homem com o mundo, dizendo: “O homem é integração de integrações”. Desse modo, em sua interação com a cultura e a sociedade, o homem modifica-se e é modificado. Pessoa e ambiente encontram-se, então ligados em um campo de forças e não podem ser separados. Nesse sentido, o seu auto conhecimento dá-se numa conquista progressiva do biológico, do psicológico e do ambiental. Torna-se singular no coletivo. Necessita-se do ambiente para implantar suas potencialidades. Os valores sociais são questionados e levam a um auto questionamento. Entretanto, o homem é o responsável pela sua trajetória, porém, sendo ser de relações, sua caminhada em busca de autonomia e auto realização se dá por meio de interações constantes que faz com o meio ambiente, com as pessoas significantes em sua vida.

Consequentemente, viver resumiu-se a um adaptar-se constante, onde o externo, o ambiente e a estrutura psico e biológica de cada ser, interagem na construção de novos comportamentos.

No entanto, temáticas diferenciadas são retratadas por escritores considerados Pós-Modernos, que evidencia a modificação do ser humano, como: conspiração, tecnologia, poder da mídia, poder da imagem, televisão, cultura popular, multiculturalismo, retorno crítico à História, consumismo, sociedade de vigilância, tragédia nuclear, poder do capital, terrorismo, paranóia, religião e por fim, morte.

## **FRAGMENTAÇÃO DO INDIVÍDUO PÓS-MODERNO**

Associado ao período do fim da Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir da década de 1960, o surgimento do Pós-Modernismo parece ter sido desencadeado pela crise de valores que vigoraram a partir do início do século XX e estende-se até a atualidade. Os conceitos de classe social, de ideologia, de direita e

esquerda, de arte, do Estado de bem estar começam a ruir, afetados pelas duas guerras mundiais. Dessa maneira, o Pós-Modernismo nasce da ruptura com algumas certezas e definições que sustentavam conceitos do campo social, político, econômico, estético, etc.

A crise de valores em que o ser humano se viu envolvido com o fim da Segunda Guerra e o acirramento da Guerra Fria, na década de 1950, favoreceu para um processo de desagregação social muito grande. Os efeitos do capitalismo se evidenciaram na crescente individualização de uma sociedade voltada para o acúmulo de bens e para o consumo estimulado pelos veículos de comunicação de massa.

Diante do exposto, percebe-se que a sociedade pós-moderna é contraditória. Por um lado é extremamente desenvolvida e de outro é arcaica, injusta e desumana, pois não consegue suprir as necessidades básicas da população. Vive-se em um período inconstante. Sob um pólo, assiste-se a destruição da natureza; os fracassos políticos, sociais, religiosos, culturais, a falta de empregos e uma perda significativa dos sentidos e dos significados humanos. Em outros campos, está o mundo das tecnologias, das finanças, dos negócios, do consumo, da ciência e das comunicações. Ninguém é mais o dono da verdade, porém, todos, sem distinção, têm o direito de ser compreendido e respeitado.

Uma das características marcantes do discurso pós-moderno é a fragmentação. Privilegia-se a parte, o particular, o diferente em detrimento do todo, do universal e do idêntico. Muitos procuram caminhos, luzes, mas a impressão é de que a humanidade está perdida, desconstruída, sem equilíbrio entre corpo e alma, sem dosar o prazer com a sabedoria e sem aprender a trabalhar com as perdas e as incertezas.

Harvey (apud LAMPERT, 2005, p. 104) afirma que as tendências globalizantes e as experiências fragmentadas deixam o homem perdido, com seu “eu” dividido, sendo impossível manter unicidade pessoal, fundamental para a construção da identidade.

É válido salientar que, no mundo Pós-Moderno, a tecnologia encurtou distâncias e colocou culturas diferentes em contato, desencadeando desejos de haver uma vida sem fronteiras, em que as pessoas pudessem circular livremente, com a quebra de padrões e estereótipos. Em seu livro *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*, Benjamin Abdala Júnior (apud BONNICI; ZOLIN, 2009, p. 311), ressalta que não pode mais pensar em

fronteiras como aquelas estabelecidas por limites geográficos. Para o autor, esses limites:

Continuam importantes e constituem base sinérgica capaz de inverter ou de se contrapor aos fluxos avassaladores, mas não bastam. Cada vez mais o mundo torna-se uma realidade de fronteiras múltiplas, internas ou externas. São fronteiras que podem se abrir ou fechar, conforme a natureza da conexão desejada, caso tenhamos a base necessária para impor fluxos. (ABDALA JR, apud BONNICI; ZOLIN, 2009, p. 311)

Com isso, essa possibilidade de poder ultrapassar e quebrar fronteiras, acontecimentos desejáveis e permitidos através da tecnologia da informação, denota uma série de consequências para a contemporaneidade. De um lado, tem-se o contato com diversificadas culturas e pode-se buscar e compreender outras formas de ver a realidade, mas, por outro lado, há um choque cultural, quando os dois “mundos se encontram”, exprimindo o questionamento de Brian McHale (apud BONNICI; ZOLIN, 2009, p. 311) “o que acontece quando mundos diferentes são postos em contato?”

Desse modo, com os processos migratórios existentes e os contatos entre diversas culturas, a identidade dos sujeitos passa a não ser única, contudo, fragmentada. O sujeito não é unificado e, por conseguinte, adquire posições diferentes. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Stuart Hall (2006), afirma que o sujeito pós-moderno não mais apresenta uma identidade unificada, mas fragmentada, composta de várias identidades. Assim:

A identidade torna-se uma “celebração móvel” [...]. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p.12-13).

Tem-se então, um hibridismo cultural, ou seja, baseando-se nas ideias de Hall, não existe qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações atuais, segundo o autor são todas “híbridos culturais”, em que os indivíduos buscam uma identidade, mas, contudo, encontram-se fragmentados, divididos.

De modo geral, a Literatura Pós-Modernista, expressou e continua expressando, a profunda crise de valores por que passa o mundo, em todos os campos.

Autores diferenciados, citados a seguir, lançaram-se em diferentes frentes de exploração temática e muitas linhas de experimentação, multiplicando assim, os modos de expressão dessa realidade. Nesta seara de produção pós-moderno, destaca-se nesta pesquisa a estética de Milton Hatoum, que como poucos, soube mesclar elementos de sua cultura de origem e elementos da cultura pós-moderna, produzindo textos densos, que levam o leitor à reflexão sobre a vida em sociedade.

## **CONTOS E CONTISTAS PÓS-MODERNOS: A ESTÉTICA DE MILTON HATOUM**

"A escrita de Milton Hatoum é a escrita dos grandes romancistas."

Carta Capital

Ainda que seja difícil descrever exatamente todas as correntes literárias contemporâneas, podem-se apontar algumas tendências que auxiliem a compreensão dos caminhos trilhados a partir da segunda metade do Século XX. A literatura que trata de compreender o conceito de pós-modernismo enquanto movimento estético é muito rica em autorias, foi muito grande o número de autores que exploraram linhas estéticas e gêneros variados.

Autores como David Harvey, Steven Connor, Perry Anderson, Terry Eagleton, Anthony Giddens, Krishan Kumar, Stuart Hall, Zygmunt Bauman, dentre muitos outros, preocupam-se em debater as grandes questões da contemporaneidade, valendo-se de reflexões, teorias e registros históricos. No entanto, temáticas diferenciadas são retratadas por escritores considerados Pós-Modernos, os quais evidenciam a modificação do ser humano, a partir de conceitos como: conspiração, tecnologia, poder da mídia, poder da imagem, televisão, cultura popular, multiculturalismo, retorno crítico à História, consumismo, sociedade de vigilância, tragédia nuclear, poder do capital, terrorismo, paranóia, religião e por fim, morte.

Muitos escritores brasileiros contemporâneos têm optado pelo conto, talvez motivados pela agitação e rapidez, características da realidade em que vivem ou uma maior facilidade de, em textos curtos, explorar a semelhança entre a literatura e a notícia, tratando de situações que interessam mais ao leitor atual. Como exemplo de Contistas brasileiros que se inserem nessa categoria de estética pós-moderna, pode-se citar Milton Hatoum, um escritor pós-moderno que retrata em seus contos e romances, desencontros, amores, adultérios, ciúmes, exílios, desejos, fracassos e a "crise de identidade", que permeia o sujeito pós-moderno. Sendo uma das maiores vozes da

Literatura do Século XXI, Hatoum é considerado um dos grandes escritores vivos do Brasil. Em seus escritos, demarca o mundo interior de cada ser humano, com uso de palavras intensas, que prende à leitura proporcionando uma viagem interior em cada ser humano.

Milton Hatoum é romancista, contista e professor. Hatoum escreveu quatro Romances (*Relato de um Certo Oriente*, *Dois Irmão*, *Cinzas do Norte*, *Órfão do Eldorado*) e em 2009, lançou *A Cidade Ilhada*, sua primeira coletânea de contos. Dentro deste livro de contos que se encontra a história de Bárbara. Entitulado *Bárbara no Inverno*, a análise que segue busca mostrar como a pós-modernidade e a fragmentação do sujeito se fazem presentes na narrativa.

### **BÁRBARA EM TODAS AS ESTAÇÕES: UMA ANÁLISE DO CONTO *BÁRBARA NO INVERNO*.**

O Conto “Bárbara no Inverno”, presente na coletânea de contos *A Cidade Ilhada* (HATOUM, 2009), demarca seus personagens num vaivém incessante e vertiginoso, vivido ou apenas imaginado, entre Paris e Rio de Janeiro, em meio a desencontros e exílios. Em “A Cidade Ilhada” os personagens estão ilhados e, de alguma forma, o leitor também. Por isso, o trabalho da leitura é um exercício intelectual solitário.

Especificamente nesse Conto, o narrador aborda a questão do estrangeiro que foi obrigado pelas circunstâncias históricas a deixar seu país e retrata a crise de identidade que permeia o sujeito pós-moderno. “Bárbara no inverno” traz como protagonistas um casal de jornalistas brasileiros, Bárbara e Lázaro, que, durante o período militar se exilam na França.

Num primeiro momento, a condição do exílio parece ser o tema central do conto: “viviam em Paris com o coração e o pensamento em um canto do Rio: o apartamento avarandado de Copacabana” (HATOUM, 2009, p.77). No entanto, aos poucos, a atenção do narrador se desloca das questões políticas – a ditadura, a perseguição aos opositores do regime – para o espaço privado, de tal forma que o relacionamento amoroso entre os protagonistas vem para o primeiro plano, retratando assim, a crise de identidade, o deslocamento do sujeito Pós-Moderno interpretado por Bárbara.

A escolha do título do conto - “Bárbara no Inverno” - deixa explícito que a circunstância vivenciada por Bárbara tem uma estreita relação com o período do inverno:

[...] depois do primeiro inverno em Paris, o exílio, a solidão e a saudade do Rio os uniam e, quando a melancolia os deixava abatidos, Bárbara punha o disco e esperava a música, como se aquela canção tivesse o poder ou a magia de exorcizar qualquer vestígio de ameaça e mesmo indiferença à vida amorosa. (HATOUM, 2009, p. 79)

Notadamente, no primeiro inverno iniciou-se a “crise conjugal” e a “crise de identidade”, sendo que esta última ocorre apenas com Bárbara e torna-se o tema central da narrativa. Com isso, o título está interligado ao modo de estar vivido pela protagonista nos invernos parisienses:

[...] Tudo começou a piorar no terceiro inverno parisiense, quando Lázaro quis comemorar seu aniversário. Ele mesmo ia preparar um almoço para os amigos franceses e argentinos: Gerardo ia gostar da batida de caju e Francine adorava mandioca frita[...] (HATOUM, 2009, p. 79)

Bárbara estava presa à vida cotidiana, trabalhava na redação da Radio France Internationale (RFI), não tinha amigos, diferentemente de Lázaro, que sempre se reunia com os amigos para debater sobre política, atualizar notícias, desabafar e beber:

[...] Bárbara não tinha amigos, e sua vida era a RFI e Lázaro, os mesmos passeios com ele, e a recusa em participar de reuniões clandestinas. (HATOUM, 2009, p. 84)

Ambos viviam mitigando a saudade do Brasil, especialmente, do Rio de Janeiro:

[...] Uma vez por mês iam ao mercado na rua Mouffetard, onde mitigavam a saudade comendo e cheirando frutas que os remetiam ao outro lado do atlântico(HATOUM, 2009, p. 78)

No entanto, no decorrer da narrativa fica evidente que Bárbara venerava o passado vivido no Brasil. E sentia mais falta do Brasil do que Lázaro:

[...] os dois dançavam em silêncio, dando passos curtos e arrastados, esperando mais uma noite fria passar: ela rum, ele vinho e depois vodca, e iam vivendo assim, sonhando com a viagem de volta ao Brasil.(HATOUM, 2009, p. 81)

Bárbara não só sonhava com a viagem de retorno, como questionava Lázaro em relação à volta ao Brasil:

[...] tomou mais um gole de rum e confessou: queria voltar para o Brasil. Ninguém pensa em voltar, disse Lázaro, o tempo por lá ainda está fechado. Muitos já estão voltando, justificou Bárbara. (HATOUM, 2009, p. 81).

Apesar do poder que carregava no nome, Bárbara transformou-se em um ser anônimo, perdida, fragmentada, sem núcleo, deslocada em meio a uma multidão de outros seres. Ela não conseguia relacionar-se com amigos, com o País em que está vivendo momentaneamente, não se sente pertencente a lugar algum, a não ser o Brasil. O caminhar pela vida, a história de cada ser, se dá por meio de interações constantes que faz com o ambiente em que vive e com as pessoas significativas em sua vida. No conto, a má adaptação no País, a angústia de estar fora da pátria, seu isolamento e o choque cultural provocaram desvios de comportamentos em Bárbara:

[...] Bárbara acendeu o abajur e passou a injuriar o namorado, a maldizer a vida dos dois, e a jurar vingança. Num momento de fraqueza ela o olhou com ternura e começou a chorar. Olha o que você fez com a nossa história, lamentou Bárbara. Ele disse que ela estava enlouquecendo: o ciúme que sentia de Francine era uma invenção para confundir-lo e exasperá-lo. Ou então era um pretexto para voltar ao Brasil, e ele não podia... Bárbara se curvou para beijar sua boca, e ele não pôde disfarçar a frieza dos gestos quando ela tentou abraçá-lo com um desespero de naufrágio. Então ela o puxou pelos cabelos como se pedisse uma última noite de amor, e ele não reagiu e começou a dizer com uma voz medrosa: Nossa história foi..., e o estalo da bofetada calou-o e logo o chute no abajur e um choro convulsivo que esmaeceu quando ela se fechou no quarto. [...] Agora o rosto moreno e maquiado ria para os colegas da redação, ria sem falar com eles e era um riso nervoso, uma alegria vingativa. (HATOUM, 2009, p. 83-85).

No entanto, essa união “por subtração”, isto é, esse laço que se baseia na ausência, logo se desfaz e o casal acaba se separando – e a angústia de estar fora da pátria parece ter sido determinante para tal desfecho.

Cada ser humano encontra seu melhor modo de vida em ecossistemas diferentes. Sendo que um ambiente favorável proporciona um ótimo aproveitamento biológico e psicológico. Também, de forma oposta, permite compreender desvios de comportamentos, desajustes e desadaptações. Foi o que ocorreu com Bárbara.

Logo, o indivíduo atual (exemplificado no Conto por Bárbara) resiste à vida pública, buscando distanciar-se de contatos coletivos, ainda que dependa de relações sociais complexas e desafiadoras para sobreviver. Com isso, o mundo de Bárbara, o mundo do homem pós-moderno é, por excelência, o recanto de sua subjetividade, manifestando assim, o sinal de seu vazio existencial.

Como afirma Giddens (1991), esse “isolamento existencial” não é unicamente um isolamento do indivíduo com os outros, mas, um afastamento dos recursos morais indispensável para uma história de vida completa e satisfatória. Este segmento do conto esclarece o posicionamento apresentado por Giddens anteriormente, elucidando esse isolamento:

Bárbara não tinha amigos, e sua vida era a RFI e Lázaro, os mesmos passeios com ele, e a recusa em participar de reuniões clandestinas até o dia em que ele convidou uns amigos para almoçar e conversar sobre o exílio [...] Bárbara detestava [...] Ela tentava proibir esses encontros, mas Lázaro argumentava que eles apenas debatiam sobre política, atualizavam as notícias, desabafavam. Vocês podem desabafar em toda a Paris, mas não na nossa casa, ela dizia. Discutiram, e então ela passou a evitar esses encontros aos sábados, às vezes chegava bem depois do almoço. (HATOUM, 2009, p.84-85)

Esses trechos retratam a vida solitária, o vazio existencial, a resistência à vida pública, vivenciado por Bárbara. A vida moderna é caracterizada pela fragmentação do sujeito, que é também o lugar do vazio existencial. Tudo que antes era apresentado como verdade incontestável perde sua referência e o homem passa a perceber-se em um ambiente marcado pela incerteza. No decorrer da narrativa Bárbara vê na lista de anistiados o nome de Lázaro e naquele dia ela saiu mais cedo do *RFI*:

Sorriu ao encontrar a cópia da chave do apartamento de Copacabana, pôs o disco e a roupa numa sacola de pano [...] Talvez ele esteja me esperando, talvez ele me telefone quando eu já estiver no aeroporto ou voando, pensou. (HATOUM, 2009, p. 87)

Quando retorna ao Brasil:

Caminhou por Copacabana, parou para comer no bar do primeiro encontro com Lázaro, e passeou na beira da praia até o Forte, murmurando o nome de cada rua, reconhecendo um e outro boteco e restaurante. No caminho de volta foi abatida por uma tristeza atroz: não se lembrava de nenhum amigo. Depois pensou: desconheço a amizade. (HATOUM, 2009, p. 87).

Caminhar à beira do mar, mesmo numa orla movimentada, pode ser altamente contemplativo, mas não somente para observar o exterior. É possível isolar-se de tudo. É um caminhar solitário e imerso no próprio "eu". Uma viagem interior de auto descobrimento. A contemplação interior é a mais difícil e para isso ocorrer basta um cenário que permita a contemplação e que desperte a voz interior. No entanto, essa contemplação feita por Bárbara foi imersa num "eu" dividido, fragmentado, em crise, com anúncios de rupturas.

Deste modo, apesar de toda veneração ao "passado" vivenciado no Brasil e o sonho do retorno à pátria, ao voltar ao País de origem, Bárbara não se encontra mais e não recupera mais o passado, pois, uma vez descentrada não retorna mais. Bárbara estava como um ser eternamente incompleta.

Vale salientar que Bárbara não conseguiu desvincular-se do passado. Grilhões e amarras colocaram-na em uma condição histórica pré-concebida e imutável. Entretanto, é impossível anular ou negar o passado completamente da história, mas, deve-se seguir a trajetória entrelaçando tudo o que foi vivenciado, com o que irá vivenciar, pois, tais vivências passadas são indispensáveis na formação identitária do ser humano.

No mais, fica evidenciado que Bárbara continuava fragilizada, com conflitos ideológicos. A dúvida ou talvez a certeza de que não existia mais a eternização do amor sentido por ela e por Lázaro a perseguia. Segundo Bauman (2004), no nosso mundo de furiosa "individualização", os relacionamentos são bênçãos ambíguas, oscilando entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois "avatares" coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência.

Contudo, no fim da tarde, já cansada, confiou na intuição. Entrou no edifício, subiu ao sétimo andar, ligou o aparelho de som, colocou o disco com a música que não tardaria a tocar (Atrás da Porta - Chico Buarque) e ficou na espera furtiva na varanda, quando escutou o barulho da chave na porta e a voz de Lázaro:

Cláudia, quem pôs esse disco? Você... nós deixamos o som ligado? , o corpo entrando no quarto e reaparecendo no meio da sala, "pra sujar teu nome, te humilhar", Eu? , disse Cláudia, claro que não. Nunca ia colocar esse disco, não era a música do tempo em que você e

Bárbara... Vocês dois... De tocaia na varanda Bárbara reconheceu Fabiana: a que parecia apaixonada por Marcelo, a sonsa que usava um codinome, e eu desconfiando de Francine. Então durou sete ou oito segundos: Lázaro escutou o choro ou a risada diabólica antes de ver o rosto de Bárbara, e entendeu que era o fim. Ainda teve tempo de correr, mas não de agarrá-la e evitar o salto. Ele ficou debruçado na varanda, de olhos fechados, e, quando virou a cabeça para a sala, encontrou um rosto sem cor num corpo paralisado. Ele e Cláudia ficaram assim por algum tempo, os dois imobilizados pelo pânico ou culpa, a voz de Chico Buarque cantando baixinho: “E me vingar a qualquer preço”. (HATOUM, 2009, p. 88)

Este final simbólico, que transmite ao leitor o sentimento de fragilidade dos laços humanos, um relacionamento amoroso de um homem com uma mulher, em tensão polarizada, a “crise de identidade”, os embates de sujeitos fragmentados. Tudo isso representa a nova postura assumida pelo Homem Pós-Moderno, acompanhada de incertezas, ambivalências, inseguranças, sem paradigmas de comportamentos. Portanto, a reação da protagonista demonstra que a construção identitária Pós-Moderna é marcada por ambigüidades de comportamentos, como pode ser comprovado no final trágico do Conto de Hatoum.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, a vida é mais complexa que a literatura, mas uma literatura consistente parte exatamente da assimilação da complexidade da vida, que inclui a leitura interessada de bons livros. Diria também que a literatura exige paciência e muito trabalho, e que a imaginação é filha desses atributos. (MILTON HATOUM, in: DIGESTIVO CULTURAL, maio. 2006).

Observar com minúcia a produção literária de Milton Hatoum é, sem dúvidas, realizar uma leitura reflexiva da vida que acontece além dos livros. Os personagens oportunizam múltiplas interpretações pela complexidade com que elas são apresentadas. Não só, os aspectos formais do texto de Hatoum confirmam que uma grande quantidade de temáticas suscitadas nas narrativas auxilia como instrumento para compreensão não unicamente da realidade social, mas, do fazer poético na Pós-Modernidade.

Em relação à Literatura, por muitos anos, a compreensão dos textos literários ficava presa a posicionamentos fechados. No contexto da Pós-Modernidade, onde está situado Hatoum, condicionamentos estanques foram demolidos. Os estudos apresentados demonstraram que uma obra literária só pode ser compreendida pela fusão de texto e contexto, em que, forma e conteúdo são essenciais no processo interpretativo.

De acordo com os estudos realizados neste artigo, acredita-se que um texto literário não é superior, pois, reflete bastante a sociedade, mas, porque utiliza os espaços vagos para enriquecer as possibilidades de leituras, pois o sentido não está no texto em si, mas, a partir dele.

De tal modo, o trabalho de análise do Conto de Milton Hatoum “Bárbara no Inverno”, presente em A Cidade Ilhada, foi pautado no pensamento de autores da crítica sociológica. O referido autor criou uma literatura diretamente ligada à vida social, refletindo um determinado contexto histórico, em que forma e conteúdo estão intrinsecamente ligados.

Dada a multiplicidade de temáticas possíveis de serem abordadas a partir da obra de Hatoum, o assunto escolhido para esse trabalho foi a “fragmentação do indivíduo Pós-Moderno”, a partir da análise da personagem Bárbara (presente na Coletânea de Contos de A Cidade Ilhada), tomada pelos signos da Pós- Modernidade, em que os sujeitos encontram-se fragmentados.

Para compreender o processo de “fragmentação” do indivíduo Pós-Moderno, buscou-se apreender a questão da identidade na Pós-Modernidade. Com isso, foi preciso um aprofundamento na obra de Stuart Hall, dentre outras, para compreender a questão da identidade e respectivamente a sua crise ou “fragmentação”, devido à constituição da identidade na Pós-Modernidade ser bastante complexa, mediante o descentramento do sujeito ocasionado pelos avanços da civilização.

A revolta de Bárbara, que desencadeia em morte, revela o quanto é difícil viver num mundo marcado pelos extremos, em que o indivíduo transformou-se num ser anônimo, fragmentado, tomado pela dúvida e pela incerteza em meio a uma multidão de outros seres, que buscam algum tipo de alívio para o constante desafio de sobreviver.

Por tudo que foi afirmado, é válido salientar que o olhar dado à análise não está isento de novas reflexões, mesmo porque na obra de Milton Hatoum encontram-se infindáveis possibilidades de leituras e releituras.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_. **O mal – estar da pós-modernidade.** Trad. Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária:** Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Editora Eduem, 2009.

COSTA, Maria. **MILTON HATOUM É INTENSO.** Disponível em:  
<[http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular/noticias/materia\\_449392.shtml](http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular/noticias/materia_449392.shtml)> Acesso:  
20 de jun.2010, 1:35 h.

FLAUSINO, Márcia Coelho. **Mídia, Sexualidade e Identidade de Gênero.** (artigo)-  
Intercom, Set. 2002.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HATOUM, Milton. **A Cidade Ilhada:** Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LAMPERT, Ernâni (org.). **Pós-Modernidade e Conhecimento:** educação, sociedade, ambiente e comportamento humano. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005

JULIO, Daio. **DIGESTIVO CULTURAL.** Disponível em:  
<[http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1&titulo=Milton\\_Hatoum](http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1&titulo=Milton_Hatoum)> Acesso em 06 de fev. 2011, 10: 42 h.